

CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS: O acesso e a conexão definem as práticas das juventudes?

[CYBERCULTURE AND SOCIAL NETWORKS – do the access and connection define the youth practices?]

Adriana Hoffmann Fernandes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Lucy Anna Diniz

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Resumo: O artigo trata de reflexões a respeito das relações dos jovens com a cibercultura numa pesquisa realizada dentro do Grupo de Pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação). O artigo buscou entender melhor o que pensam e fazem os jovens nesse acesso às redes, problematizando os usos realizados em diálogo com as contribuições de autores como Nelson Pretto, André Lemos e Paula Sibília e também com os dados do Comitê Gestor da Internet (CGI, 2015). Apresentamos parte da pesquisa a partir das entrevistas e questionários realizados com jovens da faixa etária entre 11 e 15 anos acerca do acesso e entendimento deles sobre a internet bem como os suportes de acesso e os usos feitos por eles. Interessamos discutir e refletir a respeito de uma situação que nos chamou atenção em especial: o fato da maioria dos jovens pesquisados afirmarem que usam as redes sociais para manter contato somente com as pessoas mais próximas como a família e os amigos.

Palavras-chave: cibercultura, práticas de conexão, juventude.

Abstract: The article deals with reflections about the relationship of young people with cyberculture in a research conducted within the CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação) Research Group. The article sought to better understand what do youth think and do in the access of networks, problematizing the uses made in dialogue with the contributions of authors such as Nelson Pretto, André Lemos and Paula Sibília and also with the data from the Comitê Gestor da Internet (CGI, 2015). We present part of the research from interviews and questionnaires carried out with young people between ages 11 and 15 on the access and understanding of them on the Internet as well as the access support and uses made by them. We are interested in discussing and reflecting on a situation in particular that caught our attention: the fact that the majority of the subjects claimed that they use social networks to keep in touch with only the closest people like family and friends.

Keywords: cyberculture, connection practices, youth.

INTRODUÇÃO – CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS

Atualmente, as diversas relações dos jovens com a cibercultura têm sido foco do nosso interesse. Neste cenário, as redes sociais são motivo de muitos debates e

várias pesquisas e pesquisadores vêm trazendo reflexões a respeito das redes, dos usos e questões que elas nos trazem na atualidade. Alguns dos autores com os quais estamos em processo de diálogo são Nelson Pretto, André Lemos e Paula Sibília.

Entendemos de acordo com Lemos (2004) que cibercultura é a cultura contemporânea, marcada pela circulação incessante de informações através das redes telemáticas, pela promoção de uma sociabilidade on-line e de uma espécie de cultura de compartilhamento (LEMOS, 2004). A interconexão mundial dos computadores, e, acrescentamos, dos dispositivos de informação e comunicação, dá início ao que Lévy (1999) chamou de ciberespaço, ou seja, esse espaço de comunicação digital que abriga um “dilúvio” de informações e pessoas que não só navegam neste dilúvio mas também alimentam-no.

A cibercultura contemporânea é fruto de influências mútuas, de trabalho cooperativo, de criação e de livre circulação de informação através dos novos dispositivos eletrônicos e telemáticos. (LEMOS, 2004: p.16)

Compreendemos a cibercultura como um novo espaço de comunicação. Assim, alguns dos princípios da cibercultura são a liberação do polo da emissão de forma coletiva e em rede, a conexão generalizada e aberta, e a reconfiguração cultural. De acordo com Lemos (2005) a grande potência da cibercultura é a potencia da conversação. Os três princípios apontam esse movimento de conexão e de troca coletiva na produção e na recepção de conteúdos e mostram os desafios que uma mudança dessa ordem pode trazer para os processos de aprendizagem baseados na linearidade e sequencialidade como os vividos na escola.

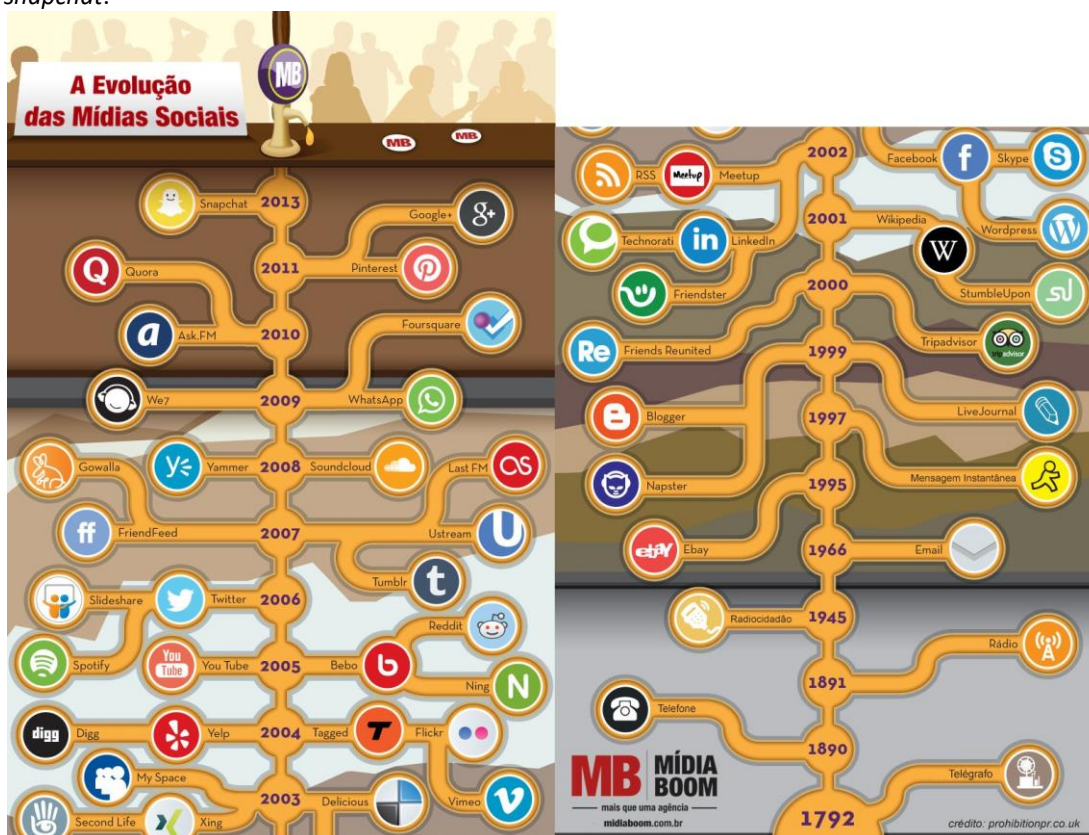
Alguns autores como Pretto (2008), Lemos (2004) e Sibília (2012) discutem também o conceito de cibercultura relacionando o processo da educação e das redes com as questões que o contexto atual abarca. Ao mesmo tempo em que as redes trazem questões para a escola e tensões a partir da reconfiguração pela qual a cultura está passando com base na cibercultura, o processo educativo nos ajuda nesse processo de reconfiguração. De acordo com Lemos (2005), a metáfora que mais se aproxima do estado social atual é a da sociedade em rede. Que reconfiguração cultural

seria essa pela qual passamos? Comunicar-se em rede seria o novo modo de convivência atual.

As redes constituem a nova morfologia social das nossas sociedades, e a difusão da lógica das redes modifica substancialmente a operação e as conseqüências dos processos de produção, experiência, poder e cultura...(Castells, 1996, p. 469 apud Lemos, 2005, p. 6).

O infográfico a seguir mostra a profusão de redes que foram criadas desde o início das comunicações começando pelo telefone. Mesmo considerando que várias redes sociais – algumas contemporâneas e outras já “ultrapassadas” - foram excluídas desse gráfico essa pequena mostra já nos faz perceber como é crescente o surgimento de novas redes que ampliam esse processo gerado e mantido no coletivo da rede de produção e circulação de conteúdos.

Figura 1: Infográfico com a linha do tempo do surgimento de algumas mídias sociais, do telégrafo ao *snapchat*.



Fonte: <http://midiaboom.com.br/midia-social/infografico-evolucao-das-midias-sociais/>

O presente artigo pretende apresentar parte dos dados de uma pesquisa que vem sendo realizada no âmbito do grupo de pesquisa Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação (CACE) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Trata-se de uma busca por entender melhor o que pensam e fazem os jovens nesse acesso às redes problematizando e refletindo sobre os usos realizados em diálogo com os autores e teorias em estudo.

Nesse momento, temos como objetivo apresentar os dados produzidos em entrevistas e questionários realizados com os jovens da faixa etária entre 11 e 15 anos, no período de agosto a dezembro de 2015, acerca do acesso dos jovens a internet, sua definição de internet, suportes de acesso e usos feitos por eles. Interessa-nos problematizar uma situação que nos chamou especial atenção na investigação: o fato de a maioria dos jovens da pesquisa afirmarem que usam as redes sociais para manter contato somente com as pessoas mais próximas como a família e os amigos. O que os leva a escolher relacionar-se nas redes sociais apenas com as pessoas com as quais já tem contato cotidiano fora da rede? Como isso pode ser pensado num contexto em que a discussão sobre cibercultura fala justamente da liberação do polo da emissão, da palavra, da ampliação da comunicação nessa dimensão do coletivo? Seria esta conduta associada ao temor de riscos transmitidos a eles pela família ou por pessoas próximas?

Para a análise dos dados produzidos, consideraremos alguns trechos das entrevistas relevantes para a discussão. Devido à escolha ética de preservar a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa que não desejaram ser identificados, utilizaremos abreviações de seus nomes. Foram aplicados questionários com 26 jovens e entrevistas com 11 jovens, aqui descritos pelas siglas: E., C., N.V., C.C., P.G., V., A.C., T., N., J. e H..

O ACESSO DE JOVENS À INTERNET

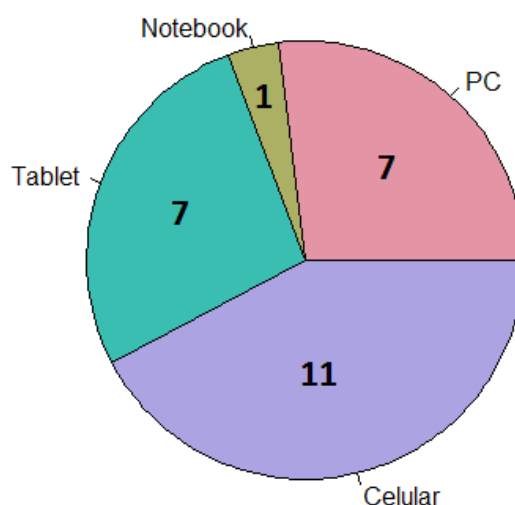
Os jovens pesquisados são estudantes de uma escola pública e, em sua maioria, moradores de uma comunidade próxima à escola em que a pesquisa foi realizada. À

época da pesquisa, eram participantes do Programa Mais Educação, em 2015. Do ponto de vista de uso de dispositivos, os jovens que fizeram parte da pesquisa encaixam-se nas estatísticas divulgadas pela pesquisa “TIC domicílios de 2014” do CGI.br (2015) e a pesquisa “Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2014” do IBGE (2016). Tais estatísticas apontam que 92% dos domicílios brasileiros possuem telefone celular. Presença massivamente maior que a de *tablets*, computadores e telefones fixos, e que grande parte do acesso à internet é realizado através de dispositivos móveis.

Como podemos observar a partir da figura 2, os dispositivos móveis são utilizados de forma frequente. Dezoito entre os vinte e seis estudantes que participaram da pesquisa afirmaram acessar os dispositivos móveis de forma mais frequente. Apesar de muitos terem acesso e usarem computadores de mesa, é através de dispositivos móveis como celulares e *tablets* que estes estudantes mais acessam a internet. Esse dado pode influenciar no tipo de conteúdo acessado, pela existência de sites e conteúdos que são mais acessíveis para dispositivos móveis, ou para computadores.

Figura 2: Gráfico de setores indicando os suportes com que os estudantes da pesquisa mais frequentemente acessam a internet.

Suporte Mais Frequente



Fonte: elaborado pelas autoras

Acessar redes sociais, aplicativos de conversas e alguns sites de notícia pode ser inclusive mais fácil em dispositivos móveis. Por outro lado, o consumo e a edição de vídeos, o uso de jogos mais complexos, e a edição de imagens, a participação em determinados fóruns de discussão, por exemplo, são atividades que se tornam mais simples quando o acesso se dá através de computadores de mesa ou *notebooks*. Tendo em vista ainda os aspectos econômicos, podemos supor que por dispositivos móveis serem mais baratos que computadores de mesa e notebooks, sejam mais facilmente adquiridos pelas famílias destes jovens.

Esse uso frequente a partir de dispositivos móveis pode influenciar também o modo como estes jovens lidam com os planos de internet, a questão do uso de dados móveis e franquias, e a diferença entre a qualidade da internet móvel e da internet fixa. Em determinado momento da pesquisa, uma das estudantes reclama da qualidade de seu plano de dados afirmando que atinge a franquia muito rapidamente e seus créditos acabam na mesma semana da recarga. Esta reclamação acontece em um momento em que a estudante está na escola, onde não é permitido acesso à rede local.

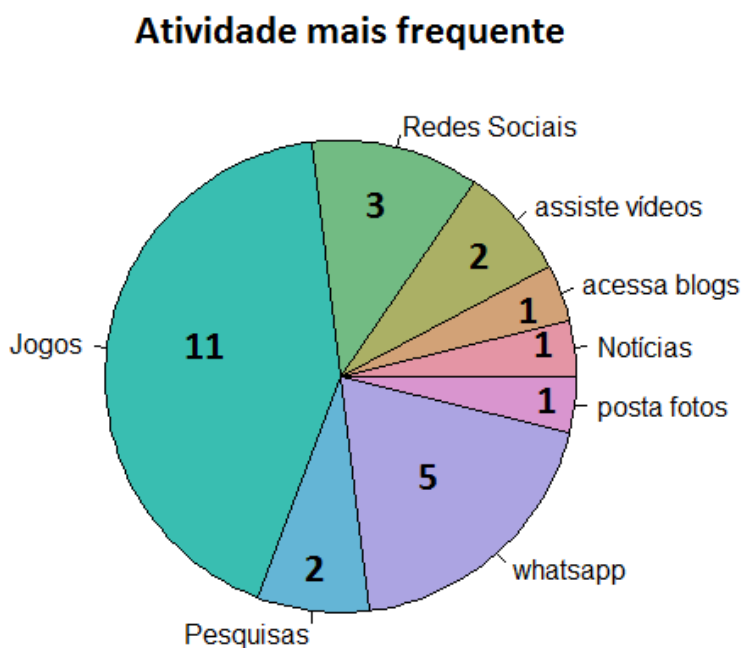
A maior parte dos estudantes diz acessar a internet de casa, sendo a escola um espaço em que apenas 8 afirmam usar a internet, e nenhum dos estudantes afirma ser o local em que acessam a internet com mais frequência. A este dado, cabe acrescentar que existe uma lei municipal no estado do Rio de Janeiro (como sabemos também existir em outros estados do país) que proíbe o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula, e que talvez o pouco acesso na escola possa se dever às normas escolares.

É interessante observar que, apesar de os estudantes não dizerem ter conhecimentos técnicos sobre o funcionamento da internet e das redes, eles aprendem na prática o que é mais vantajoso para o uso que eles fazem. A maior parte dos jovens que responderam ao questionário afirmam ter acesso à internet em suas casas, com obstáculos diferentes e velocidades de conexão variadas, mas apenas três dos 26 relataram não ter acesso em casa. Levando em conta que os sujeitos pesquisados são moradores de periferia, podemos perceber que o “poder aquisitivo”

das famílias dos estudantes não é um impeditivo completo no que diz respeito ao acesso à rede, à conexão, embora suas experiências com as conexões sejam bastante variadas, uma vez que, com maior ou menor velocidade, com estratégias diferentes de conexão, a maioria esmagadora dos estudantes acessa a internet.

Com relação às atividades que fazem na internet, a maior parte dos estudantes afirma que a atividade que fazem com mais frequência são os jogos, embora digam fazer muitas outras coisas, principalmente assistir a vídeos, utilizar redes sociais, fazer trabalhos para escola, escutar rádio, conversar em aplicativos de *chat* e postar fotos. Podemos identificar essa variedade de atividades e a predominância dos jogos através da figura 3. Nesse sentido, podemos perceber alguma relação entre as atividades mais frequentes e os suportes mais frequentes. Do total de 26 estudantes 19 responderam ao questionário apontando como atividade mais frequente os jogos, redes sociais e aplicativos de *chat*. Redes sociais e aplicativos de *chat* têm aplicações específicas, e, em alguns casos exclusivas para dispositivos móveis. Jogos variam em complexidade, mas existe uma infinidade de jogos que são compatíveis com os dispositivos móveis.

Figura 3: Gráfico de setores indicando quais são as atividades mais frequentes exercidas pelos jovens da pesquisa quando acessam a internet.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir da análise das atividades que estes jovens apontam como mais frequentes, podemos iniciar uma reflexão acerca do posicionamento desses jovens com relação ao consumo de produtos culturais e à construção de conhecimentos. Quais seriam os jogos que estes jovens acessam? No relacionamento nas redes sociais, seriam eles produtores de conteúdo? Esses questionamentos nos levam a pensar se estes jovens teriam na internet relações muito distintas das relações que eles estabelecem fora das redes.

Apesar de a maioria relatar ter acesso à internet em casa, cinco jovens encararam a pergunta “por qual motivo você não acessa a internet?” como uma pergunta desvinculada da pergunta relacionada ao acesso, sendo que dois afirmaram não ter vontade, dois disseram ter medo e um afirmou não ter condições de acesso. Diante de tais respostas, não é possível desconsiderarmos os dados produzidos associado a tal questão. Dessa forma, os resultados a seguir levam em consideração esses dados, considerando o quanto a vontade, o medo e/ou o acesso (ou a falta dele) condicionam as formas de estar na cibercultura.

INTERNET – O QUE É NO PONTO DE VISTA DOS JOVENS DA PESQUISA?

Trazemos aqui em forma de infográfico as respostas dos estudantes à pergunta: O que é internet para você? O gráfico a seguir aponta as palavras que mais apareceram nas respostas dos entrevistados.

Figura 4: Infográfico de nuvem de palavras relativo às respostas à pergunta “o que é internet para você?”



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A figura 4 revela a dificuldade que os estudantes da pesquisa têm em conceituar “internet”. Um aspecto da realidade com que a maioria deles diz ter contato diariamente e aparentemente nunca pararam para formular um conceito de internet. As expressões “internet”, “assim”, “sei lá”, “coisas” aparecem com um tamanho maior, indicando que são as expressões mais ditas no momento de resposta a essa pergunta.

Em seguida, podemos perceber outras expressões em tamanho menor, mas ainda com destaque, que nos dão pistas do que estes jovens encaram como parte da internet: “facebook”, “comunicação”, “meio”, “jogo”, “pesquisar”. Com essas expressões poderíamos construir um padrão de respostas que representa a maioria das respostas obtidas na entrevista, e chegamos à conclusão que os estudantes conceituam a internet a partir de seus usos, internet é uma coisa que serve para fazer

alguma coisa, para se comunicar, jogar e pesquisar a partir das respostas mais frequentes.

É interessante observar que nenhum estudante menciona a palavra “rede” ou “conexão”, evidenciando que esta é uma ideia que não está presente quando eles pensam nas atividades que fazem proporcionadas pela internet. Apesar de demonstrarem que percebem uma funcionalidade de comunicação e pesquisa, não elaboraram ainda a ideia de que estas funcionalidades são promovidas pela conexão entre computadores e usuários. Talvez da mesma forma não percebiam que essa conexão cria possibilidades ainda não conhecidas por eles. Os usos e relações trazidas a seguir pelas falas selecionadas podem nos ajudar a refletir a respeito desses modos de acesso trazidos pelos sujeitos da pesquisa. Estarão esses sujeitos - mesmo - dentro dessa cibercultura de que fala Lemos? O que os modos de acesso deles falam de como percebem sua ação social na rede?

91

CONVERSO NA REDE “SÓ COM MINHA MÃE E COM MEU PAI” - USOS DA REDE SOCIAL NA DIMENSÃO PRIVADA

A famosa frase “tome cuidado, não fale com estranhos” dita pelas famílias às crianças quando pequenas parece se perpetuar nos usos que os jovens da pesquisa fazem nas suas interações nas redes sociais. As falas a seguir apontam que os entrevistados - em sua maioria - somente utilizam as redes sociais para interagir com as pessoas que são do seu círculo de convívio cotidiano - família e amigos próximos.

Os jovens da pesquisa referem-se a seus familiares e amigos quando falam de seus usos das tecnologias digitais e boa parte deles chega a afirmar que interagem exclusiva ou prioritariamente na rede com seus familiares e amigos. Podemos perceber nos trechos de entrevista a seguir:

(...)

Entrevistador: Você tem perfil em site de rede social essas coisas assim?
Facebook, instagram?

P.G.: Tenho *facebook* e *whatsapp*.

Entrevistador: E com quem você conversa no *whatsapp*?

P.G.: Com meus primos, alguns amigos da minha sala, meus primos que moram lá em Caxias, os que moram lá em Cordovil...

(...)

(...)

Entrevistador: Você conversa com quem no *whatsapp*?

A.C.: Só tenho.. é.. Com minha tia, só com minha tia, minha mãe e meu pai.

Entrevistador: Só com a família?

A.C.: É, isso mesmo.

Entrevistador: O que vocês conversam?

A.C.: Ah, quando tem alguma urgência a gente usa. E conversa, diariamente quando a gente não se vê.

(...)

(...)

Entrevistador: Você sempre posta foto na internet?

N.V.: Nem sempre. Só um pouco.

Entrevistador: E é sempre foto sua?

N.V.: É. Minha ou da minha prima.

Entrevistador: E a sua prima mora com você?

N.V.: Não.

Entrevistador: O que você faz no *facebook* além de olhar foto dos outros?

N.V.: Nada.

Entrevistador: Só olha foto dos outros?

N.V.: Da minha mãe, da minha irmã...

Entrevistador: Você conversa com a sua família no *facebook*?

N.V.: É.

(...)

N.V., A.C. e P.G. dão exemplos da resposta mais corriqueira ao questionamento de com que pessoas esses jovens interagem em determinadas redes. Inicialmente podemos desconfiar dessas afirmações, mas com a recorrência em que se menciona coisas do gênero no decorrer das entrevistas, resta a dúvida: por que será que estes jovens concentram suas interações com aqueles com quem eles já interagem fora das redes? Outro jovem nos traz algumas pistas:

(...)

CC: Ah internet pra mim é pesquisa, pesquisar música, mexer no *whatsapp*, *facebook*...

Entrevistador: Você tem *whatsapp*?

CC: Aham.

Entrevistador: Com quem que você conversa no *whatsapp*?

CC: Só com a minha mãe só, com minha mãe e com meu pai.

Entrevistador: Você não conversa com nenhum amigo, nenhum parente que não seja seus pais?

CC: Eu conversava, só que agora eu não to conversando com mais ninguém.

Entrevistador: Por quê?

CC: *Whatsapp* só dá apurrinhação
 Entrevistador: Como assim? Me explica
 CC: Ah o pessoal fica botando vários negócios, aí tu bota um negócio aí o outro grava...
 Entrevistador: Aí dá problema?
 CC: É.
 (...)

Dessa forma, C.C. aponta para transtornos que podem ocorrer no caso da interação com pessoas que não são do seu círculo cotidiano. Usos indevidos ou exposição não autorizada de informações compartilhadas, por exemplo, podem configurar o que C.C. chama de “apurrinhação”. A autora Paula Sibilia (2012) fala da “cultura da humilhação” vivida hoje nas interações nas redes sociais. Uma cultura associada ao *bullying* em que com qualquer passo em falso se pode virar chacota de um grupo e ser ridicularizado. Esse medo de sofrer com isso talvez seja o motivo que leva alguns desses jovens a limitarem seu acesso apenas a pessoas próximas.

Ao mesmo tempo que a decisão de C.C. de manter contato apenas com seus pais se baseia em experiências prévias, não podemos concluir que todos os jovens que dizem interagir apenas com familiares e amigos tenham tido experiências ruins na interação com pessoas de outros círculos. E esse uso deles nos leva a questionar: afinal, o que falam e trocam nas redes sociais apenas entre pessoas do convívio cotidiano? Seria essa resposta, dada pela maioria dos jovens da pesquisa, uma forma de impedir o nosso conhecimento a esse universo mais íntimo deles? Esse universo que eles talvez não queiram falar com os não considerados “amigos”? O que significa estar em múltiplas redes e agir dentro delas priorizando determinadas conexões, determinados nós?

Esses jovens - mesmo estando conectados à internet - não conhecem e vivem os princípios da cibercultura de que fala Lemos. Isso nos mostra que essa experiência cibercultural não depende diretamente da conexão, do ter acesso a internet. Pelo que as entrevistas apontam, essa experiência para ser vivida nesse modo de reconfiguração cultural de que Lemos fala e gerar novos processos de produção, experiência, poder e cultura conforme destaca Castells depende da mediação social. Quem são os adultos e jovens com os quais esse público convive? Que tipo de

experiência de comunicação é usual nas suas práticas sociais? Essa experiência social vivida por eles nos parece, nesse sentido, mediadora e definidora das práticas nas redes sociais. Portanto é preciso mais do que “estar conectado” para estar e agir em rede.

Martín-Barbero (2006), ao tratar dos processos da globalização ressalta dois discursos correntes sobre a globalização e a comunicação em rede, um que aponta perversões e outro que aponta oportunidades. Para o autor, há ainda a permanência das grandes corporações no gerenciamento das informações, aliada a um discurso de controle e vigilância a serviço de uma necessidade de segurança. Ao mesmo tempo, o autor aponta para a possibilidade de desmontar alguns dualismos relacionados às linguagens e meios de informação, comunicação e conhecimento e para a possibilidade de criação de novas configurações para se exercer cidadania.

Obviamente, o autor faz uma leitura macrossocial dos movimentos que envolvem a comunicação em rede. Mas certamente, os discursos “otimistas” e “pessimistas” se entrelaçam com as experiências desses jovens. Em determinado momento das entrevistas, A.C. traz uma preocupação com conteúdos que podem existir na internet, como conteúdos relacionados a violência, atividades criminosas, pornografia, entre outros. Em momento posterior, relata que seu pai tem medo que A.C. entre em outros espaços que não o *facebook*. Nesse sentido, o medo do pai é mediador dos acessos que essa jovem faz na rede.

Trata-se do que Martín-Barbero (2013) aponta ao tratar das mediações que envolvem o processo comunicativo, ressaltando que não podemos ignorar as questões culturais e políticas ao analisar essas comunicações. Nas entrevistas, as famílias não aparecem apenas no momento da interação através das redes, mas também na interação com as redes. Apesar de muitos estudantes relatarem que aprenderam a usar os dispositivos e acessar a internet sozinhos, por tentativa e erro, é possível perceber em suas falas que o discurso dos familiares aparecem nos momentos de tal aprendizagem. Deste modo, as mediações abordadas pelo autor podem interferir tanto nos usos feitos das redes pelos jovens quanto no processo mesmo da pesquisa.

Investigar o uso das redes no espaço da escola considerado "proibido" por lei pode trazer esses traços de "não-ditos" por parte deles. Da mesma forma, como pudemos perceber, muitas famílias são mediadoras desses usos das redes sociais limitando ou controlando o que fazem ou não na rede e isso de alguma forma limita o acesso deles a pessoas fora de seu convívio cotidiano.

O que significa no contexto em que se discute os três princípios da cibercultura - como liberação da emissão de forma coletiva e em rede, conexão generalizada e reconfiguração dos modos de aprender - descobriremos jovens que mantêm em suas práticas com a cibercultura bases mais atreladas a um contexto local de convívio só com conhecidos? É no mínimo desafiador perceber que num contexto em que se fala das redes trazendo transformações na lógica da cibercultura, desafios à escola pelas mudanças que essa lógica traz que não dialoga com o modo como a escola se organiza, perceber que esses modos de acessar a rede pelos jovens não caracteriza "a rede" tal como é concebida e discutida pelos autores.

Jesús Martín-Barbero (2006) comenta que há nas práticas culturais sempre um destempo. Esse "destempo" de que ele fala relaciona-se a essa diferença entre o que a tecnologia pode proporcionar e o que os usos que os sujeitos fazem em relação a ela. Assim, mesmo uma tecnologia proporcionando novas práticas, muitas vezes os sujeitos ainda não conseguem fazer uso destas repetindo práticas anteriores, mais usuais e tradicionais em seu convívio social, associadas a tecnologias mais antigas e já conhecidas pelos sujeitos. Talvez seja isso o que revelem esses resultados. Isso nos leva a perceber que não basta ser jovem, não basta estar conectado, não basta ter os dispositivos móveis para atuar na cibercultura com todo o potencial que ela oferece.

NÃO É A CONEXÃO QUE DEFINE O PROTAGONISMO DO JOVEM

Que reflexões essa descoberta inicial nos traz? O que podemos dizer a respeito desses usos dos jovens olhando para o contexto social? Estarão esses jovens realmente tendo acesso a rede? A partir desses dados torna-se visível que não é a rede que

determina a experiência do jovem mas seus usos. A experiência desses jovens é substancialmente diferente da de jovens *youtubers*, *gamers* ou outros que constroem na rede novas experiências que dificilmente teriam fora dela. Desse modo, os dados apontam que o "estar na rede" não é um diferencial para todos os jovens, ou que "estar na rede" precisa ser bem mais do que ter acesso à rede. O navegar não é livre para todos. Os exercícios simultâneos dos papéis de produtores e receptores, tão difundidos como sendo parte do protagonismo dos jovens da atualidade, também não transparecem nesses jovens pesquisados.

Os usos que fazem nas redes - excluindo-se as relações que estabelecem com quem interagem – não traz uma dimensão mais ampla de produção de conteúdos. Usam a rede para acessar notícias, *blogs*, ver vídeos, postar fotos e enviar mensagens. São aparentemente mais consumidores do que produtores de conteúdos, e isso talvez se deva às mediações vividas socialmente. Como ser protagonista diante de um acesso limitado ou pela velocidade da conexão ou pela mediação restritiva de seus contatos ou interações com outros? Como produzir sem ter a ideia da produção como um horizonte possível? Martín-Barbero (2013) ainda aponta em seu mapa das mediações o quanto nossas práticas não são descoladas da socialidade (práticas sociais com as mídias), das ritualidades (modo como consumimos, rituais que repetimos socialmente) e das institucionalidades, (como as instituições da sociedade de alguma forma mediam e regulam os usos que fazemos das mídias). Portanto, os dados dessa pesquisa nos revelam o quanto as mediações são relevantes no que se refere aos usos que são feitos socialmente. Não são apenas as tecnologias que definem os usos sociais, mas o contexto cultural em que os sujeitos estão imersos que pode gerar e proporcionar reduções ou ampliações nos usos sociais feitos dessas mesmas tecnologias.

Nelson Pretto e Alessandra Assis (2008) apontam para a necessidade do estímulo à produção de informações e conteúdos na escola como contributo à formação cidadã que a escola pretende, permitindo a superação da postura de consumo que é estimulada pelos veículos de massa. Os autores ressaltam que para o

estímulo à produção é preciso mais do que o simples acesso às tecnologias que garantam tal produção, é preciso que haja a apropriação criativa de tais tecnologias.

O que isso nos diz sobre a escola? O que isso nos faz pensar sobre o papel da escola e sobre a presença das mídias na escola ser muitas vezes vista como ameaça? São muitos os desafios que se apresentam para nossa reflexão e a resposta não é simples e nem fácil. Para que haja a apropriação criativa de que falam Pretto e Assis (2008) é preciso que a escola encare a cibercultura como parte da cultura escolar, não como concorrente desta. Sigamos observando o que acontece em nosso entorno com os jovens que estão na escola para pensarmos nos desafios que temos - pelas falas deles mesmos em cada contexto - e não pelo que outros dizem que os jovens usam e fazem.

REFERÊNCIAS

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.br. **TIC domicílios 2014**: Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros [livro eletrônico]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros/>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

IBGE. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal : 2014**. Rio de Janeiro: Ibge, 2016. 89 p.

LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade: em direção a uma “Cultura Copyleft”?**. *Contemporanea: Revista de Comunicação e Cultura*, Salvador, v. 2, n. 2, p.9-22, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3416/2486>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade: a era da conexão**. In: *XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro*. Intercom. Rio de Janeiro: Uerj, 2005. p. 1 - 17. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p. (Coleção Trans). Tradução de Carlos Irineu da Costa. Disponível em:

<http://www.moodle.ufba.br/file.php/8897/levy_cibercultura.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2013. 360 p. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, Dênis de. *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

PRETTO, N.L.; ASSIS, A. **Ensaio: cultura digital e educação: redes já!** In PRETTO, N.L.; SILVEIRA, S.A., orgs. *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 75-83. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/22qtc/pdf/pretto-9788523208899-06.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2015.

SIBÍLIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 224 p. Tradução de Vera Ribeiro.

SOBRE AS AUTORAS:

Adriana Hoffmann Fernandes - Doutora em Educação e Mídia pela UERJ, Mestre em Educação pela PUC-Rio. Professora adjunta na Escola de Educação e no PPGEDU da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e coordenadora do grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação) certificado pelo Cnpq. Foi coordenadora do GT Educação e Comunicação da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPED) e atualmente integra o comitê científico da mesma associação. E-mail: hoffadri58@gmail.com

Lucy Anna Diniz - Atualmente formanda em Pedagogia. Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) de 2013 a 2016 integrando o grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação) coordenado pela prof Adriana Hoffmann Fernandes. O artigo escrito em parceria resulta de reflexões ampliadas a partir dos dados gerados na pesquisa de monografia de final de curso realizada pela aluna após o percurso de estudo no grupo de pesquisa. E-mail: lucydiniz94@hotmail.com ou lucy.anna.diniz13@gmail.com